



ummenny

JOAQUIM DE ARAUJO

LUIS DE CAMÕES

POEMETO

COM UMA CARTA DE EÇA DE QUEIROZ



PORTO
Imprensa Portugueza
MDCCCLXXXVII

LINO D'ASSUMPÇÃO

LINO D'ASSUMPÇÃO

JOAQUIM DE ARAUJO

LUIS DE CAMÕES

POEMETO

COM UMA CARTA DE EÇA DE QUEIROZ





PORTO
Imprensa Portugueza

MDGGGLXXXVII

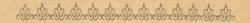


Anthero de Quental

MEU MESTRE E MEU AMIGO



CARTA DE EÇA DE QUEIROZ



Bristol, 15 de junho.

Meu caro amigo,



E eu tivesse a divina faculdade improvisadora de Ariosto ou essa collossal

facilidade á Dumas, que cria uma obra entre dois cigarros—não deixaria decerto, pela muita sympathia que V. me merece, de satisfazer o seu pedido d'um prologo quasi pela volta do correio.

Infelizmente, para mim o trabalho

não é um doce deslisar pela corrente serena do ideal - mas uma subida arquejante por uma dura montanha acima. As deseseis ou vinte paginas que V. me pede, á pressa, levar-mehiam um longo tempo a escrevere eu teria de interromper obra que está na forja, quente e fumegando, para ir malhar outro ferro. Não sei além d'isso muito bem o que poderia dizer sobre os seus sonetos; se obedecesse ao meu impulso natural diria apenas uma palavra: isto é docemente lindo, - e não saberia accrescentar mais nada. Para fazer um estudo sobre a Evolução Moderna da Poesia, necessitava a largueza do livro; não me bastaria o artigo.

Os seus sonetos, para encantarem,

não necessitam dos meus laboriosos commentarios. Se os Rouxinoes, por motivos philosophicos, se decidissem a não cantar, sem terem ao lado um critico habil que lhes explicasse o canto - deve confessar, meu caro Araujo, que os arvoredos perdiam logo todo o seu idyllio e todo o seu mysterio. As obras de arte devem fallar por si mesmas, explicar-se por si mesmas, sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone. Acompanhar um livro de versos de critica já feita, é querer impor um guia á emoção do leitor. O leitor detesta isto. Creia que os seus sonetos serão mais bellos, vistos sós, na sua pureza esculptural de linhas nobres - sem lhes por em redor toda

a complicação da minha prosa. O meu prologo seria um bocado de chumbo atado á aza d'uma linda e ligeira ave... Publique os seus sonetos sós, e os homens de gosto ficarlhe-hão agradecidos.

De resto, como lhe disse, a difficuldade é V. ter pressa e eu ser um homem de inspiração tão lenta.

Creia-me, meu caro Araujo,

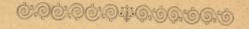
Seu muito dedicado

Eça de Queiroz.









RENASCENÇA

-33-0

Resurgem os hellenicos primores;
Circula um sangue ardente, que espadana;
Luthero queima altivo a Lei romana:
Cortam o espaço os gritos e os condores.

Chora, junto da stor dos seus amores, Miguel Angelo, essa alma sobrehumana; Cresce o delirio da puixão insana: Chora a Virgem na têla dos pintores. A terra anceia de enthusiasmo e lucto. Loyola surge. O eterno Benvenuto Vibra o stylète, rapido, certeiro:

Colombo e Gama encontram mundos novos, E echóa, entre a alvorada de cem povos, O genio Lusitano aventureiro...





NA IGREJA DAS CHAGAS

क्षेत्रकेक्क्किक्किक्किक्किक्

NA IGREJA DAS CHAGAS

-35-

Visão celeste! Olhou-a, e num momento, Elle, o famoso trovador ousado, Sentiu como que prezo o pensamento Áquella fronte dum palór maguado!

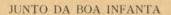
Ella tremia, vendo-o, como ao vento
Treme a haste dum lirio immaculado...
Ouvia-se no templo um psalmear lento,
Ante o immovel Jesus crucificado.

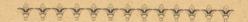
Que poema de amor sereno e dôce, Áquelle seio avelludado trouxe Esse heroico perfil, meigo e suave?

A Santa Virgem baixa o olhar dorido, E um suspiro revôa, enternecido, Da austera igreja na sombria nave!









JUNTO DA BOA INFANTA

A Leopoldo Alas

-

Nos serões da Ribeira, a côrte ouvia As canções fugitivas e graciosas, E o vulto da Nathercia estremecia Do Poeta ás endechas amorosas.

Como o orvalho nas petalas das rosas, O seu timido olhar assim cahia Sobre o cantor das coisas mysteriosas, Que o pensamento lhe roubara um dia. E a boa Infanta, no seu throno, amante, Venturosa no candido semblante, Protegia esse par enamorado...

Tudo luz! Que fulgores no borisonte!

Elle surria... ella baixava a fronte...

Que destino, o de amar e ser amado!





O AUTO DE EL-REI SELEUCO

O AUTO DE EL-REI SELEUCO

Ao sr. Wilhelm Storck

-35-0

No Oriente, um rei antigamente houvera, Em cujo coração radiava o brilho, Que a lua põe no languido tomilho, Pelas noites leaes da primavera.

Seguia o humano e generoso trilho

Da san virtude protectora e austera,

E, por dar vida ao coração do filho,

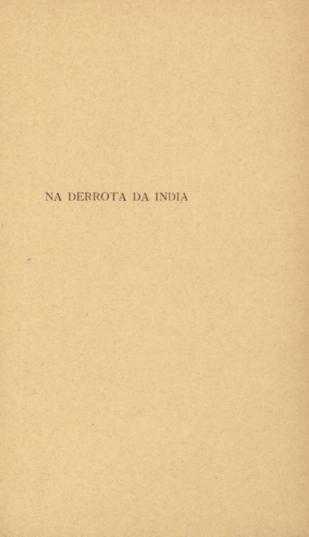
Uniu-o á propria noiva que escolhera.

Drama simples e epico. Entretanto D. João Terceiro, attonito de espanto, Revé no duro espirito sombrio

Do morto pae o thalamo invejado, E á allusão de Camões, ruge, tomado Dum odio intenso, inabalavel, frio!









NA DERROTA DA INDIA

A Platon de Waxel



A' noite, como um dobre funerario, O vento bate nas infladas velas; Sobre o espelho do mar, vasto sudario, Erra a luz palpitante das estrellas.

Eterno scismador e visionario, Camões procura o rastro das procellas... Na amurada da nau, vê solitario Apparições fantasticas e bellas. Á flór das aguas, surgem as ondinas. Abandonando as grutas crystalinas Boiam, cantando, as limpidas sereias.

O mar embala a nau no dorso altivo, E ha como um sopro rude e primitivo, Um frémito gigante de epopeias!





OLHANDO O TEJO



OLHANDO O TEJO

-

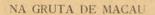
Em noites calmas de luar tremente,
Quando na altura se entreabriam flóres,
— Lirios de luz suavissima e cadente,
Os astros virginaes e scismadores,—

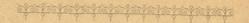
E palpitava o hymno dos amores, Que a Natureza, esse maestro ingente, Executa nos montes sonhadores, Entre as florestas e no mar dormente, Das janellas do paço da Ribeira, Nathercia procurava a larga a esteira Dos fortes galeões aventurosos,

E convulso lhe arfava o seio brando, «Para o ceu cristalino alevantando Com lagrymas os olhos piedosos»...









NA GRUTA DE MACAU

مسكرين ا

No seu retiro placido, sonbando, O Poeta evoca das regiões da Morte Os beroes legendarios, que ao seu mando Erguem a fronte valorosa e forte.

Toda a sublime e varonil cohorte

Dos que a Patria elevaram, batalbando,
Diante dos seus olhos vae passando,
Sem que a desgraça o animo lhes corte.

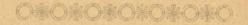
Extatico e solemne, esse vidente Sente pulsar o coração vehemente, Ao fogo que no peito se lhe ateia;

Cinge-o o clarão do genio triumphante, E, como austera e religiosa amante, Beija-o na fronte a Musa da epopeia!









O NAUFRAGIO

A F. Giner de los Rios



O mar bramia irado e mysterioso: Era o ceu o cór de chumbo, e a tempestade Rolava, pela torva immensidade, Num impeto fatal e tenebroso.

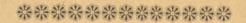
No profundo oceano procelloso, A nau se afunda, que o terror invade, E o abismo abafa prestes, sem piedade, Das victimas o córo desdiloso. E em meio de pavôr e furia tanta, Um peito bronzeo, heroico, se alevanta, Contra as ondas luctando, triumphal,

E arrancando do mar ao seio bravo, Dum povo prestes a morrer escravo, A sagrada legenda sepulchral.





VISÕES DO CARCERE



VISÕES DO CARCERE

A Curros Enriquez

-33-

Vergado ao pezo de crueis revezes, Na aspereza do carcere, Camões Cuja dór e heroismo são arnezes, Da Sorte contra os rigidos baldões,

Quantas vezes, anciando,—quantas vezes!— Da nau enevoada das Visões, Deslisa, pelos tremulos convezes, Perdida a mente em doidas illusões! Sonho de amor, dulcissima miragem, Surri-lhe, a espaços, a formosa imagem Da sua amada, palida, anhelante...

Mas, subito, o seu claro olhar turbou-se:

—A bella Ignez elle entrevira dôce,

Morta, nos braços do seu regio amante!





ETERNO AMOR



ETERNO AMOR

A Luis Murat

~<u>~</u>

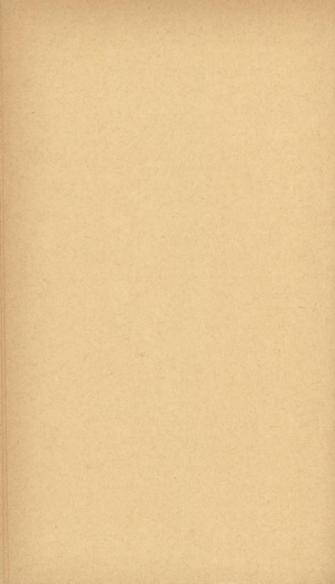
Barbara, a doce e timida captiva, Que de vezes erguia o olbar nublado, Áquella fronte vasta e pensativa, Aquelle rosto varonil, rasgado!

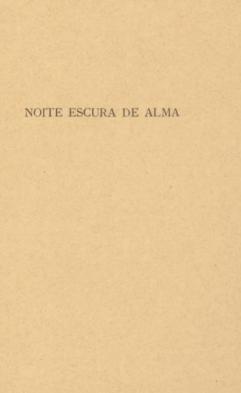
Morta de amor, ella tremia viva,
Ao sopro desse amor immaculado,
Que o amor é a emanação donde deriva
O Bem, que pelo mundo anda exilado.

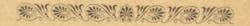
E emquanto o sol, a esmorecer, beijava, Da extrema do horisonte, a pobre escrava, Absorta e preza nesse amor bemdito,

Camões, extatico, ia soletrando
O nome da Nathercia, suave e brando,
Em circulos de luz, pelo infinito...









NOITE ESCURA DE ALMA

A Léon Janssen

-33-0

«—Não lhe colher o derradeiro beijo! Não a velar, no derradeiro instante! Bateu as azas em perenne adejo, Voou à Eterna Região distante.

Pobre stór! no seu palido semblante, Como uma aspiração, como um lampejo, Um poema chorava soluçante, Que a morte era o seu unico desejo. E a morte não tardou, lirio celeste, Suavissima criança, que vieste Illuminar-me um dia o pensamento!»

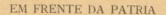
E as nuvens desmaiavam pelo espaço,

E aquelle peito inabalavel, de aço,

Vergava, como um canaveal ao vento!









EM FRENTE DA PATRIA

A Armando Palacio



Avistava-se a terra, anciosamente
Sonhada no mar largo e no rigor
Do fulvo exilio marcial do Oriente,
Entre longos prodigios de valor.

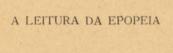
Avistava-se a terra, e doidamente
Ouviu-se um como frémito de amor...
A marinhagem sobe aos mastros, sente
Chegado o fim da inenarravel dor.

Mas nesse instante—ò magua indefinivel!— Ouve-se um grito intimo, terrivel, E Heitor cae morto, em grandes convulsões...

—Morto! na flor das illusões mais bellas! E as lagrymas rolavam, como estrellas, Nas faces enrugadas de Camões...









A LEITURA DA EPOPEIA

Ao Baron Ch. de Tourtoulon

-33-

Camões lê. El-rei ouve commovido
Junto à côrte curvada e silenciosa:
... «Brame convulso o Adamastor vencido,
«Venus applaca Jupiter, piedosa.

"Ignez murmura o ultimo gemido,
"Passa dos Doze a ala victoriosa;
"E o velho do Rastello, espavorido,
"Conjura as naus da armada clamorosa.

«Evocada do tunulo, surgia «A doce e formosissima Maria, «Alvo contraste do perfil do Gama.

«A Cruz fulgura illuminando o Oriente...»
... A côrte escuta, e El-rei, formoso e crente,
Contempla a Gloria, que de longe o chama!





PRELUDIOS DA CATASTROPHE



PRELUDIOS DA CATASTROPHE

A Jayme de Séguier



Uma immensa mortalha de tristeza
Cobre a cidade, festival outrora,
Longe os tempos da rigida firmeza,
A rota plebe, esmorecida, chora.

Sumiram-se os vestigios da grandeza,
Pelas ruas, a herva cresce agora,
E os nobres cavalleiros vão-se á empreza,
Que ao moço rei a juventude inflora.

São prestes a partir, aventureiras,

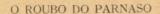
As impavidas hostes altaneiras,

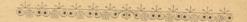
Que a van chimera triumphal consola:

No entanto corta o espaço desolado O amisereren trémulo, maguado, Da voz do Jau, a supplicar esmola...









O ROUBO DO PARNASO

À sr.ª D. Carolina Michaelis



— « Urna de fundas lagrymas choradas, «Cofre de puras graças matinaes,

"Jazigo de esperanças malogradas,

"Relicario de estrellas immortaes,

"Quem te roubou? que mãos desapiedadas, "Levaram tanto amor e tantos ais?

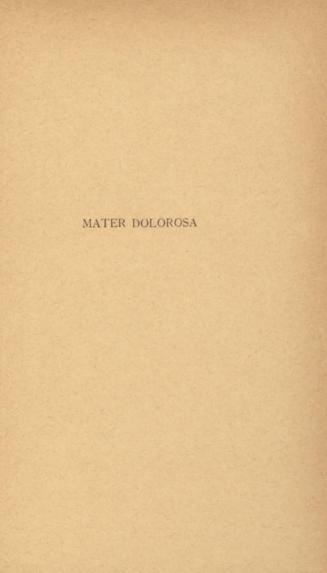
«Minhas brandas canções immaculadas,

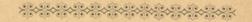
"Nunca mais heide ver-vos, nunca mais!

- «Mas quando vosso fogo allumiar
 - «O ergastulo, em que chora a dôr humana,
 - "Hade ouvir-se um unisono bradar
- "De astros, e almas, e lirios, e boninas:
 - « Quem è este que na harpa lusitana
 - "Abate as Musas grégas e as latinas?"









MATER DOLOROSA

-33

Dorme, emfim, dorme no final repouso, Pelos beijos da Morte auréolado, Esse triste guerreiro desditoso, Na mortalha da Patria, amortalhado.

Duma doce velhinba o vulto ancioso,
Suspira tristemente, ajoelbado
Ante esse catre ignobil, tendo ao lado
Um Christo de olhar manso e religioso.

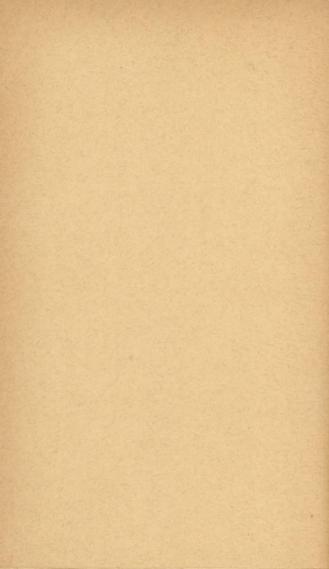
Ella chorava trémula e curvada,

Å estancia do passado, illuminada,

Lançava ao longe os olhos da saudade...

Viu da infancia o perfume e o roseo brilho, E as mãos beijou desse adorado filho, Que entrava, morto, na Immortalidade!







ET NUNC ET SEMPER

A Eça de Queiroz



E as Idades seguiram, triumphantes.

No descanso do tunulo, os heroes

Dormem na paz herculea dos gigantes,

Allumiados ao fulgor dos soes.

Cantae-lhe os hymnos que os faziam dantes Ir aos prélios homericos; depois, Achareis que esses epicos atlantes Já nem ouvem sequer os rouxinoes. Mas vel-os-heis surgir altivamente, Nas mãos o gladio heroico, reluzente, Ao soar, entre os povos e as nações,

No ambiente dos Tempos, firme, erecta, A palavra de luz desse Propheta, O verbo gigantesco de Camões.

1884.



INDICE

				PAG-
Carta do sr. Eça de Queiroz				VIII
Prologo - Renascença				2
Na Igreja das Chagas		*		6
Junto da Boa Infanta				10
O Auto de El-Rei Seleuco				14
Na Derrota da India				18
Olhando o Tejo				22
Na Gruta de Macau				26
O Naufragio				30
Visões do Carcere				34
Eterno Amor				38
Noite Escura de Alma				42
Em Frente da Patria				46
A Leitura da Epopeia				50
Preludios da Catastrophe				54
O Roubo do Parnaso				58
Mater Dolorosa				62
Epilogo - Et Nunc et Semper.				66



Preço. . . 300 réis







